

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Victoria Alves Junqueira

**A EXPERIENCIA DA INICIAÇÃO SEXUAL NA JUVENTUDE FEMININA CONTEMPORANEA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos

Juiz de Fora  
2017

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **VICTORIA ALVES JUNQUEIRA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473069A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A EXPERIENCIA DA INICIAÇÃO SEXUAL NA JUVENTUDE FEMININA CONTEMPORANEA**, desenvolvido durante o período de 19/09/2016 a 25/01/2017 sob a orientação de RAPHAEL BISPO DOS SANTOS, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Victoria Alves Junqueira

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

## A EXPERIENCIA DA INICIAÇÃO SEXUAL NA JUVENTUDE FEMININA CONTEMPORANEA

Victoria Alves Junqueira

**RESUMO:** A presente pesquisa busca identificar como as relações de gênero influenciam na forma com que as jovens vivenciam sua sexualidade, especialmente durante a fase de iniciação sexual, na sociedade contemporânea a partir de análise bibliográfica do tema. De modo a compreender quais fatores sociais e qual maneira estes influenciam as atitudes e opiniões destes jovens quando relacionadas à sexualidade. Para tanto, analiso primeiramente as novas praticas afetivas e/ou sexuais próprias das dinâmicas de relacionamento e conjugalidade utilizadas pela juventude atualmente: “pegar”, “ficar” e “namorar”. Em seguida penso os fatores que influem na escolha das meninas em quando, como e com quem começar a se relacionar sexualmente. A metodologia da pesquisa constitui-se de uma revisão bibliográfica a cerca de textos recentes sobre o tema, sendo o mais antigo de 2002 e o mais recente de 2011.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero, Sexualidade, Juventude, Iniciação Sexual

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca identificar como as relações de gênero influenciam na forma com que as jovens vivenciam sua sexualidade, especialmente durante a fase de iniciação sexual, na sociedade contemporânea a partir de análise bibliográfica do tema. De modo a compreender quais fatores sociais e qual maneira estes influenciam as atitudes e opiniões destes jovens quando relacionadas à sexualidade. Para tanto, analiso primeiramente as novas praticas afetivas e/ou sexuais próprias das dinâmicas de relacionamento e conjugalidade utilizadas pela juventude atualmente: “pegar”, “ficar” e “namorar”. Em seguida penso os fatores que influem na escolha das meninas em quando, como e com quem começar a se relacionar sexualmente.

No decorrer da pesquisa, alguns dos textos pesquisados ressaltavam a importância de considerar a fragilidade dos dados coletados já que a possibilidade de boa parte dos jovens mentir sobre suas praticas sexuais é grande, pois estes poderiam sentir algum tipo receio em revelar a verdade. Mas o que se provou extremamente interessante foi, justamente, o motivo pelo qual elas ou eles tentam esconder, aumentar ou justificar seus hábitos sexuais. Tanto nos textos pesquisados que tinham como metodologia grupos focais quando naqueles voltados para pesquisas mais quantitativas fica evidente o conflito entre a reputação e a sexualidade. Em consequência disso, meninas e meninos se esforçam de maneiras diferentes tentando manter suas reputações e se enquadrar no padrão de comportamento próprio de seu gênero.

A metodologia da pesquisa constitui-se de uma revisão bibliográfica a cerca de textos recentes sobre o tema, sendo o mais antigo de 2002 e o mais recente de 2011. De modo que escolhi fazer uso de pesquisas previamente estabelecidas baseadas principalmente em entrevistas, grupos focais e questionários a cerca da experiência da sexualidade na juventude e a relações entre as jovens brasileiras e a crescente tendência de antecipação da iniciação sexual entre estas. Os principais textos analisados foram:

*Iniciação à Sexualidade: Modos de Socialização, Interações de Gênero e Trajetórias Individuais*, de Michael Bonzon e Maria Luiza Heilborn, que analisa os dados coletados na pesquisa Gravad relacionados com a iniciação sexual dos jovens (2006).

*Masculino e Feminino; A Primeira Vez: A Análise de Gênero sobre a Sexualidade na Adolescência*, de Simara A Conchão, que analisa as relações de gênero e sexualidade tendo como objetivo entender o contexto com o qual os jovens elaboram suas visões de mundo (2008).

*Pegar, Ficar, Namorar: Jovens Mulheres e suas Práticas Afetivo-sexuais na Contemporaneidade*, de Tatiana Meirelles, que analisa as novas práticas afetivas sexuais dos jovens na contemporaneidade (2011).

*E “Sou para Casar” ou “Pego, mas Não me Apego”? : Práticas Afetivas e Representações de Jovens sobre Amor, Sexualidade e Conjugalidade*, de Paula Pinhal de Carlos, que se trata de uma pesquisa interdisciplinar que aborda as práticas afetivas e representações dos jovens sobre amor sexualidade e conjugalidade (2011).

#### 1.1 COSIDERAÇÕES SOBRE JUVENTUDE E INICIAÇÃO SEXUAL

Esta seção dedica-se a uma breve reflexão a cerca de definições chaves para a compreensão da discussão na qual se baseia o presente texto, já que este se pauta – como dito anteriormente – em uma pesquisa

puramente bibliográfica que visa uma análise comparativa entre pesquisas que podem possuir variações entre os conceitos que serão aqui abordados. O primeiro pressuposto teórico a ser debatido será aquele que define o objeto deste artigo: *juventudes*.

Em nossa cultura a juventude é compreendida como um estatuto de passagem ou fase que consiste na transição entre a infância e a vida adulta e corresponde à faixa etária de 15 a 24 anos, segundo a assembleia geral da ONU (1985). Sendo sempre associados à transgressão e rebeldia, os jovens tem assim como sua principal característica a ambiguidade. Outra particularidade ligada a este período da vida é a busca pela sua própria identidade que está atrelada a necessidade dos jovens em expressar-se de forma diferenciada do restante da sociedade. Para tanto os jovens estabelecem suas próprias formas de representação performáticas, nas quais o uso do corpo serve como afirmação da identidade e forma de se enquadrar em um determinado grupo performático durante esse período de transição, também remete as influencias que a era virtual promove no que concerne a estas culturas juvenis. (Pais, 2006).

Assim, a nossa sociedade contemporânea se vê perpassada por inúmeras mudanças que influem diretamente nessas características definidoras dos jovens, variações estas que são extremamente influenciadas pela classe social, raça e gênero do jovem. Eles começam a sair de suas casas, têm maior autonomia sobre as decisões a cerca de si e iniciam a vida sexual mais cedo. Tais jovens também se inserem no mercado de trabalho mais tardiamente, a puberdade tem um inicio precoce e a adolescência tem período prolongado. Entre as classes sociais mais baixas são impostas as jovens certas obrigações características da vida adulta mais cedo, como por exemplo, auxiliar no cuidado da casa e dos irmãos e a entrada precoce no mercado de trabalho, e aos das classes sociais mais altas é oferecida a oportunidade de manter-se mais tempo na casa dos pais e dedicar-se aos estudos. (Camarano, Letão, Passinato e Kanzo; 2004). Desta forma existem hoje multiplicidades de formas de se tornar adulto e de ser jovem, e estes processos são marcados por trajetórias não lineares. Logo, o conceito que melhor agrupa esses diferentes caminhos é o conceito de *Juventudes*, no qual não existe uma trajetória determinada para esta transição e a juventude é vista com um processo e não uma faixa etária (Oliveira, pág.2).

Dentre estas recentes mudanças no comportamento da população jovem encontram-se também variações a cerca da iniciação sexual, com uma maior divisão de categorias definidoras da sociabilidade jovem como “pegar”, “ficar”, “namorar”: a antecipação da idade na qual ocorre a primeira relação sexual, principalmente entre as do sexo feminino, e o namoro firme possuem um tempo prolongado. No Brasil as meninas tem tido relações sexuais cada vez mais cedo (Borges ALV, Schor N, 2002; Bonzon e Heilborn, 2006). Vale destacar que apesar disso geralmente os homens têm sua primeira relação ainda mais cedo do que as meninas e estas mudanças são um reflexo da crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho, de seus maiores níveis de escolarização e da popularização do uso de métodos contraceptivos modernos, permitindo a separação do ato sexual da reprodução. Tudo isso permite tomar a questão sexualidade como uma forma de analisar a posição das “juventudes” no contexto social brasileiro. (Borges ALV, Schor N; 2002)

Em contrapartida, mesmo que a idade média em que ocorre a primeira relação sexual das meninas esteja sendo antecipada e aproximando-se cada vez mais à dos meninos, as circunstâncias em que se da este primeiro ato sexual são extremamente opostas. A maioria das mulheres continua esperando que a primeira vez seja algo “especial”, reservada a pessoas cujo relacionamento representasse um compromisso estável, geralmente um namorado ou noivo, refletindo uma noção romantizada sobre o sexo e persistindo a ideia de que ela deve se “entregar” a um homem especial, “não há qualquer um”. Em consequência dos fatos apresentados, a iniciação sexual deve ser entendida como um transcurso que pode ocorrer em um curto período de tempo ou mais longo dependendo do jovem. Vale destacar que por mais que as recentes transformações na posição social da mulher tenham lhe permitido maior liberdade sexual, essa liberdade é restringida a um ideário de conjugalidade “perfeita” de maneira que o desejo sexual feminino não é separado de uma relação sentimental.

## **2. PEGAR X APEGAR**

Segundo Tatiana Meirelles (2011) é a partir das praticas juvenis que são ilustradas as novas configurações da modernidade líquida, nos termos de Bauman, nas quais o amar é obrigatoriamente flexível sem que aja algum tipo de reprovação à circulação de parceiros, já que este é visto como um período de experimentação. Pode-se amar durante uma hora, um dia, meses ou anos. A discussão abordada neste capítulo procurar refletir sobre as novas formas de sociabilidade juvenis ligadas às suas praticas afetivas e sexuais e os discursos que as envolvem. O objetivo é pensar principalmente quais são as diferenças entre os gêneros no momento de experimentar estes relacionamentos. Na contemporaneidade, as formas relacionais se tornaram mais fluidas,

podendo ser vivenciadas por diferentes sujeitos sem a necessidade de encontro prévio ou posterior. Decorrente disto, surgiram essas novas categorias nas quais o “pegar” e o “ficar” classificam a interação sem sentimento ou nenhum outro tipo de ligação e o “namorar” indica um relacionamento mais durável.

## 2.1 PEGAR

O “pegar” e o “ficar” são semelhantes já que os dois não implicam troca de sentimentos ou intimidade portando-se mais como da ordem do desejo. Só se pega/fica com determinada pessoa por que se “está a fim”, porém o “pegar” implica uma relação que obrigatoriamente é mais curta, algumas horas ou minutos, e por muitas vezes os envolvidos nem trocam nomes e, geralmente, consiste somente em beijar. De acordo com Tatiana Meirelles (2011), a prática denominada pelo termo “pegar” se mostra ainda mais flexível e mais instável do que o “ficar”: envolve pouco contato, tanto físico como emocional, e tem como suas principais características a atração física e momentânea e a experimentação.

Como apresentado por Meirelles (2011) as jovens, entrevistadas por ela, ressaltam que mesmo que o “pegar” seja vivenciada por homens e mulheres, essa pratica adquire diferentes sentidos quando pensado por tais jovens segundo o recorte de gênero, mostrando-se um discurso carregado de noções ligadas à masculinidade na qual o “pegar” é mais aceitável quando praticado pelos homens. Citando a resposta de uma das entrevistadas de Meirelles quando perguntada sobre a visão que os meninos (gurus) possuem sobre as meninas (gurias) que pegam demais:

Capitu (grupo 1): “Ah, na cabeça cada um pensa de um jeito, tem sua forma de pensar. Na sociedade acho que é mais vista o lado da guria que do guri. Por que se o guri faz alguma coisa... ah, é guri; mas se é a guria... pera aí um pouquinho...” (Meirelles, 2011; Pág. 93).

Ainda de acordo com a autora abordada acima as jovens as quais ela entrevistou indicaram que para as meninas o “pegar” seria um forma de ficar pensando somente na atração física ou impulso. O “pegar”, para as meninas, não passa do beijo e outros modos superficiais de contato ligado à experimentação entre os corpos, apesar de que a menina que “pega demais” é vista de maneira pejorativa tanto pelos rapazes quanto pelas próprias jovens (inclusive aquela citada anteriormente). Evidencia-se com isso que embora essas jovens tenham ciência e critiquem tal visão pejorativa imposta pela sociedade, muitas vezes elas apresentam o mesmo tipo de pensamento em relação a outras mulheres em situações semelhantes, por exemplo: “pegar por pegar”; “pegar vários (as)”.

Outras jovens que também participaram do mesmo grupo focal que Capitu classificam o “pegar” de forma diferente como, por exemplo, Sofia o compreende como um “ficar casual” ou Julieta que afirma que “acontece sem pensar”. Posteriormente elas afirmam que, para os meninos, o “pegar” pode se referir a uma aposta ou uma forma de identificar a mulher a qual beijou ou fez sexo como um troféu perante os outros amigos, prática que elas denominam de “playson”. Em vista disto, o “pegar” também serve como favor aos garotos e evidencia da masculinidade. Masculinidade essa que justifica a pratica do “pegar” ser tipicamente relacionada ao homem que valoriza o homem que “pega mais” colocando como seu contraponto natural a feminilidade. Tal movimento torna assim o termo “pegar” perigoso para as jovens.

## 2.2 FICAR

Doravante o termo “ficar” surgiu como alternativa ao “pegar”, ele acabou se configurando como uma pratica – e um termo – mais aceitável para as jovens mulheres. Como já foi dito anteriormente, não existe diferença fundamental entre as praticas de “pegar” e “ficar”. Porém com o “ficar” o caráter experimental é mais evidenciado e o desejo sexual é colocado de lado. Diferente do “pegar”, pode-se ficar com uma mesma pessoa varias vezes (“ficar ficando”). No começo fica-se por algum interesse até que se estabeleça um vínculo emocional, transformando o “ficar” em “namorar”, e aproximando essa pratica de uma fase pré-namoro (Meirelles, 2011).

Para Maria Isabel Mendes de Almeida (2006) a essência do “ficar”, para ambos os gêneros, é o beijo, que ao contrário do trocado por um casal de namorados possui em si caráter de inicio e final, no qual o que o virá a seguir perde importância em relação ao presente e tem como principal característica a circulação permanente de pessoas. Mesmo o “ficar ficando”, que já inclui um maior grau de intimidade e a constante repetição do mesmo parceiro, possui tal movimento, além de apresentar um caráter descompromissado no qual vale a experimentação com parceiro, sem uma preocupação com a duração deste relacionamento.

Da mesma forma, quando nos referimos ao “pegar”, o “ficar” também possui fortes marcadores de gênero, na compreensão que os jovens fazem desse ato, e que se apresenta basicamente pelos mesmos

moldes: aos meninos cabe o “ficar somente pelo ficar”, e as meninas o “ficar” vem como meios de experimentar para que possa encontrar o par ideal.

“Os meninos, por exemplo, se deixam tomar, mais do que as meninas, pelo desafio numérico dessa prática. Para eles, a “essência” do ficar é dada pela regência competitiva e pela ideia do desafio travado entre meninos. [...] Como nos diz Fabiano, “a mulher sempre tem a expectativa de encontrar algo mais na boate, e o cara, não...” (Almeida, 2008; pág. 155).

Dessa forma, para eles o “ficar” e o “namorar” são categorias quase naturalmente excludentes, pois a pesar de existirem “ficantes” que se transformam em namorados (as), ao se procurar por um não se pensa em namoro. Já para elas, o “namorar” é consequência do “ficar” – ou deveria ser. Segundo Rieth (2002), as jovens temem uma má reputação, então, valorizam a prática do ficar várias vezes para encontrar o parceiro ideal com os quais procuram namorar para só depois terem relações sexuais. Essas expectativas de amor romântico aparecem entres as mulheres em geral, principalmente as que ainda não se iniciaram sexualmente e entre os meninos que ainda são virgens. Também se pode observar nas entrevistas de Rieth (2002) a preocupação dos garotos em fazer uso do preservativo quando fazem sexo com uma garota que só ficaram, os mesmos demonstraram uma postura completamente diferente em relação às namoradas.

### 2.3 NAMORAR

Diferente das outras duas práticas o “namoro”, apesar de ainda ser fluido se comparado há alguns anos atrás, denota durabilidade, compromisso e envolvimento emocional; a expectativa relacionada ao “namorar” é a que mais se aproxima do amor romântico. Por meio do “namoro” as famílias podem autorizar as práticas sexuais ou manter sobre elas uma constante vigia.

É importante destacar que essa prática também implica conhecimento e participação ativa nas regras reguladoras do relacionamento entre os jovens. Uma das regras recorrentes entre os pais é a espera de uma determinada idade para que as meninas consigam autorização deles para começar a namorar, geralmente 15 anos. A escolha desta idade relaciona-se com o simbolismo existente no Brasil no qual os 15 representam um período de passagem de menina á mulher. Além das regras que funcionam como condição para se começar a namorar, também existem aqueles que funcionam para inspecionar e moderar o namoro. As jovens que estão cercadas por muitas regras que impossibilitam o namoro tentam criar alternativas e denominações alternativas para burlar essas regulamentações, como por exemplo, o “namoro escondido” e “ficar sério”, estes muitas vezes são desrespeitados pelos meninos que acabam traindo e não levando tão a sério quanto as meninas. (Bozon e Heilborn, 2006; Meirelles, 2011).

“Entre as 24 jovens investigadas, 10 declararam já terem se iniciado sexualmente. Destas, nove elegeram o namorado como parceiro ideal, pressupondo conhecer o outro, bem como conjugar sexo a compromisso amoroso. Para a maioria das jovens, a iniciação sexual é colocada como uma “consequência do namoro”, quando ele se torna um compromisso sério.” (Rieth, 2002; pág.81).

Após estabelecer o “namoro firme”, as jovens não precisam mais se preocupar com sua reputação como antes e é neste período que a maioria delas começa a ter relações sexuais com seus parceiros. Segundo Rieth (2002), a primeira vez é narrada pelas jovens mulheres como um impulso, consequência do namoro e do laço emocional entre os parceiros, porém, para os meninos, a relação é fruto de constantes investidas. Estas jovens muitas vezes não veem a necessidade de usar preservativos, já que confiam em seus parceiros, e fazem uso da pílula para a prevenção de uma gravidez, excluindo qualquer preocupação com uma provável DST (voltarei a este assunto mais adiante). Segundo Maria Isabel Mendes de Almeida (2006), “a diferenciação entre os gêneros também se faz presente no modo pelo qual meninos e meninas encaram as distinções e suas preferências entre o namorar e o ficar” (pág. 155), dessa forma as meninas mantêm sua preferência pelo “namoro” e os meninos pelo “pegar/ficar”.

### 3. MENINA DIREITA...

Maria Luiza Heilborn (2006) destaca que “a cultura sexual brasileira é marcada fortemente por uma categorização de gênero que reserva contrastivamente atitudes e qualidades para cada um dos sexos” (pág.36). Assim os ideais de masculinidade e feminilidade são colocados como naturalmente opostos, cabe aos homens fortalecer sua reputação e isso recai sobre o ato sexual e como se dá, cabendo a eles o papel de ativo da relação, “saber fazer”; já às garotas cabe a passividade, a espera e o amor romântico; embora seja cada vez

maior a decadência deste modelo, essas jovens mulheres ainda tentam aparentar estas características em seu discurso: “*eu fico, mas...*”, “*eu pego, mas...*”. De maneira que as novas formas de sociabilidade e afetividade na juventude vêm permitir às meninas a fase da experimentação e maior liberdade sexual sem que estas sejam mal vistas socialmente. Cabe aqui identificar que os homens não sofrem menos pressão que as mulheres, nem mais, elas só se dão em sentido contrário; eles são impulsionados a “pegar” e elas a “guardar”. Eles se esforçam para manter-se no padrão exigido pela masculinidade, eles têm que “pegar” e tem que “fazer direito” e elas direcionam esforço no caminho contrário, têm que fugir e evitar as investidas masculinas. Do mesmo modo com a jovem que não segue esse padrão é reprimida também é o jovem.

As jovens entrevistadas por Silmara A. Conchão (2008) salientam que durante a fase de iniciação sexual elas ainda possuíam uma visão romantizada sobre a primeira vez e o primeiro parceiro. Tudo isso diferente dos homens, que viam essa fase como um momento próprio da experimentação na qual deveriam aprender “como fazer”. Mesmo que atualmente a perda da virgindade antes do casamento não seja mais um grande tabu, espera-se ainda das meninas uma “virgindade moral” na qual a sexualidade feminina deve aparecer na forma de passividade, ingenuidade e de controle das investidas masculinas, o que torna mais difícil para elas debater determinados assuntos com seus parceiros, especialmente se estes forem um dos seus primeiros relacionamentos (Bonzon e Heilbron, 2006).

Doravante para entender o todo complexo que influencia todas as questões que se referem ao contexto em que se dá o início da atividade sexual das meninas, se faz necessária a partir de agora uma abordagem por seções sobre esses aspectos.

### **3.1 AS PRIMEIRAS INFORMAÇÕES SOBRE SEXO E A RELAÇÃO COM FAMÍLIA**

A maneira pela qual os jovens obtêm seu primeiro contato com informações sobre sexualidade, contracepção, gravidez e DST influenciam diretamente sobre a constituição dos perfis de socialização à sexualidade. A sociedade contemporânea é marcada pela globalização e pelo acesso ao mundo virtual, de maneira que foram acrescentadas às formas tradicionais de informação as redes sociais e as ferramentas de pesquisa online, além de outras que são mais acessíveis para a maioria da população como a TV, jornal, revista, rádio, escola, igreja. Mas mesmo assim, dentre as jovens mulheres, o diálogo com a mãe ainda é muito importante quando o assunto é menstruação e sexualidade. No que concerne à gravidez, são a mãe, a escola, os principais interlocutores. Para temas ligados à AIDS e às DST, a escola e a televisão. (Bonzon e Heilbron, 2006).

Para as meninas, além de a mãe possuir um papel central, ao contrário do pai que é praticamente nulo, como fonte de informações e confidências, as amigas e as revistas femininas também aparecem como importantes. Entre os setores mais privilegiados, decresce levemente a importância dos pares e a função das fontes de informação estáveis se mantém praticamente a mesma em todos os setores da sociedade. Todos esses dados foram retirados da pesquisa Gravada (Bonzon e Heilbron 2006).

Rieth (2002) vai de encontro os dados da pesquisa Gravada ao ressaltar a relação entre a mãe e a filha como uma esfera de cumplicidade, porém, mesmo que elas possuam esta atribuição rotineiramente, as jovens têm dificuldades para contar a mãe quando tiveram sua primeira atividade sexual e que fazem sexo com regularidade, de modo que as mães descubram sobre isso ao perceberem pequenos detalhes no quarto, nas atitudes, ao ouvirem alguma conversa das filhas, etc. Estes dados trazem à tona a importância da família, especialmente da mãe, para com os jovens no momento de saber e de decidir sobre no período em que se iniciam sexualmente.

A influência das relações familiares na sexualidade das meninas é extremamente importante, já que na cultura brasileira é função da família, principalmente do pai, o controle do corpo e das relações sexuais e afetivas delas. Chamam atenção expressões populares como “*prende a sua cabra, porque o meu bode está solto*”, que ainda hoje são usadas frequentemente, mesmo depois que a família se tornou mais aberta a sexualidade das mulheres, porém quando condicionadas a um relacionamento estável, namoro. Um dos marcos correspondente, principalmente, a fase do namoro é a apresentação do parceiro à família. Um hábito adquirido recentemente pelo casal de namorados é poder dormir juntos, o que contrasta com o namoro tradicional, permitindo a criação de um espaço do casal. Isso tudo contribui para que as relações de namoro sejam prolongadas e permitam as jovens maiores liberdades, por mais que no momento de falar sobre sexo os pais estejam ainda muito distantes dos jovens (Carlos, 2011). Ainda assim, nas famílias mais conservadoras o grande motivo de conflito entre os pais e os jovens reside nos pequenos “flagrantes” de intimidade entre o casal.

Conchão (2008) percebe das entrevistas que realizou que a mãe aparece quase com amiga de suas filhas, existe uma relação de confiança, mas ao mesmo tempo de distância muito caracterizada por constrangimentos e dificuldades, mas que a mãe busca compreender, proteger e aconselhar a filha. Ao contrário do pai, que na maioria dos casos somente ignora por completo a sexualidade e os hábitos sexuais da filha, não só os pais encontram obstáculos ao abordar qualquer assunto relacionado ao tema como também as jovens de se comunicar com seus pais, podemos perceber de maneira sutil a ascensão de pequenas exceções a esta grande maioria, o que está ligado às recentes conquistas das mulheres a cerca de sua própria liberdade sexual.

Tudo isso faz com que elas comecem a se aproximar dos meninos ao ter sua sexualidade reconhecida. Atualmente, as práticas sexuais pré-nupciais que antes só era permitida a elas faz parte da vida das jovens, geralmente inseridas no contexto do namoro, mas não exclusivamente, entretanto, ainda permanece o silêncio da família.

### 3.2 A IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO E OS PARCEIROS

Segundo dados da pesquisa Gravad (Bonzon e Heilbron, 2006; pág. 171) realizada em três grandes cidades brasileiras (Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador) a idade na qual as jovens mulheres, ao contrário dos homens, iniciam sua vida sexual sofre alterações ao se considerar fatores ligados a sua origem e características biográficas, como classe social, nível escolar, nível escolar da mãe e religião. Vale resaltar que durante a pesquisa a cidade na qual elas se iniciam mais cedo é em Porto Alegre e a que elas se iniciam mais tarde é Salvador, na primeira esta diferença entre homens e mulheres é a menor (um ano).

“A maior sensibilidade do comportamento feminino ao contexto social ou aos acontecimentos da trajetória pessoal não indica que as mulheres se beneficiam de uma maior liberdade ou, ao contrário, que sofram pressão mais forte que os homens. Propomos a hipótese de que a entrada na vida sexual adulta não se constitui no mesmo evento para homens e mulheres”. (Bonzon e Heilbron, 2006; pág.173).

Mulheres cujo nível de instrução da mãe e de renda familiar é mais baixo; aquelas educadas em famílias sem religião e que vivenciam uma separação entre os pais na infância tendem a possuir suas primeiras experiências sexuais mais cedo. Outros fatores que influenciam de forma mais clara e direta a idade com a qual as jovens mulheres irão se iniciar são referentes à sua trajetória escolar e à idade em que se inserem no mercado de trabalho, na qual as que passam mais tempo estudando tem sua primeira relação mais tarde e as que se inserem no mercado de trabalho precocemente também experienciam uma primeira relação precoce. As autoras ainda dividem as jovens em três grupos: as precoces (15 anos ou menos), as intermediárias (16 e 17 anos) e as tardias (18 anos ou mais).

Também se constatou, nessa pesquisa, que a grande maioria das mulheres, independente da idade na qual se iniciam, (86%) tem sua primeira relação com um namorado, 9% com um parceiro casual e somente 4% com o cônjuge, dando-se que 83% das jovens tiveram sua primeira relação com um parceiro mais experiente. Este fato também se repete com a maioria entre os homens (57%). Ainda de acordo com a pesquisa referida acima, ao contrário do que foi observado nos homens, entre as mulheres existe uma homogeneidade na escolha dos parceiros que elas declaram ser, quase sempre, namorados, mais experientes e mais velhos, independente da idade com a qual começaram a ter relações sexuais. Outra forma de observar a posição do parceiro das jovens em fase de iniciação sexual se dá quando o sujeito possui menos experiência, autonomia ou recurso financeiro: a relação normalmente acontece na casa de um dos dois (48% na casa do parceiro e 17% na delas) e no caso da primeira relação ocorrer em um motel (17%), ordinariamente, o parceiro é mais velho e mais experiente. Tanto mulheres quanto homens geralmente conhecem seus parceiros em espaços dedicados ao lazer, à escola ou locais próximos a casa, porém a mais comum é de que às mulheres encontram seu primeiro parceiro na vizinhança. (Bonzon e Heilbron, 2006, pág. 170 a 181).

Segundo Reith (2002, pág. 81) as mulheres descrevem sua primeira relação como algo não programado, comumente descrita por expressões como: “aconteceu de repente”, “foi no calor do momento”. O sexo acontece quando se apresenta a oportunidade, apesar de o processo de deliberação sobre começar ou não a ter relações começa muitos antes. Primeiro o casal começa a conversar e se programar para o momento certo, porém a troca de carícias, “amassos”, entre eles vai aumentando até que a jovem se dá ao seu parceiro em uma situação oportuna. O que vai ao encontro dos dados apresentados na pesquisa Gravad (Bonzon e Heilbron, 2006) na qual a maioria das mulheres entrevistadas relata que na primeira vez tiveram atitudes mais ligadas a passividade, acham que a primeira relação fosse ocorrer mais tarde, porém simplesmente aconteceu. O que para as autoras classificam como uma “característica da interiorização dos papéis de gênero” (2006, pág.183). Outra resposta

recorrente entre elas que também expressa esta interiorização refere-se à motivação que as levou a primeira transa, o amor. Tanto o “de repente” como o amor e a confiança se mostram mais tarde na pesquisa de Reith (2002) como principais justificativas para o não uso da camisinha.

### 3.3 O USO DO PRESERVATIVO

Segundo Reith (2002) a principal justificativa das jovens para não fazer uso de preservativos na primeira relação sexual é por ela acontecer “de repente” sem programação prévia. A preocupação em manter-se como “recatadas” faz com que as jovens negligenciem sua sexualidade, tendo um comportamento passivo, e mesmo após o primeiro relacionamento e a primeira transa desencadeia-se um aumento na resistência contra as investidas femininas, de maneira que a iniciativa para o uso ou não de camisinha recai sempre sobre os jovens do sexo masculino. Uma das garotas entrevistada pela autora afirma que não faz uso por ela deixar o sexo “frio”, estabelecendo uma distância entre ela e o parceiro. Outra justificativa recorrente provém da insegurança quanto à camisinha no que se refere à prevenção da gravidez o que faz com que elas optem pela pílula anticoncepcional.

Na mesma pesquisa os garotos declaram que não gostam de usar camisinha devido ao fato dela “atrapalhar” a sensibilidade, e que a escolha de usar ou não o preservativo depende da jovem. Já quando com uma namorada, pressupõe-se que o namoro já implica que em algum momento o sexo vai ocorrer com o aumento de intimidade entre o casal e que o casal é fiel, eles preferem não usar camisinha. Mas quando conseguem ter relações com a menina que na “primeira ficada” dizem que usam camisinha, pois está seria “uma guria perigosa”. Equitativamente, em uma relação de namoro, as jovens não se preocupam com a AIDS ou outras DST, pois confiam em seus parceiros, também se mantendo fies. Somente uma gravidez indesejada as preocupa, por isso escolhem o uso da pílula como contraceptivo. Em consequência disso os jovens, em especial as meninas, vêm se tornando vulnerável a contração destas doenças.

“No que diz respeito à infecção da AIDS, de acordo com a UNICEF, em 2001, quase a metade de todas as infecções novas aconteciam em adolescentes com menos de 18 anos e, aproximadamente, 11 milhões de jovens viviam com o vírus. [...] Nas mulheres, no entanto, a taxa de incidência saltou de 9,3 em 1996 para 14,2 em 2005. Entre elas a transmissão heterossexual foi responsável por 94,5% dos casos registrados em 2005.” (Conchão, 2008; pág.72).

Um relacionamento estável, ou um namoro, na maioria das vezes heterossexual, e que não reconhece a possibilidade de uma relação extraconjugal, acaba por expressar as relações desiguais de gênero, fazendo com que estes jovens se tornem vulneráveis a doenças como a AIDS e outras DST, principalmente as mulheres, que em consequência disso deixam a cargo do parceiro a escolha sobre o uso do preservativo.

### 3.4 HOMOSSEXUALIDADE E BISSEXUALIDADE

“A sexualidade com o parceiro (a) depende de uma contínua decifração de códigos de condutas e de leitura das intenções dos envolvidos. Isto é válido tanto para relações entre os sexos opostos como aquelas que envolvem pessoas do mesmo sexo. No entanto a dimensão deste aprendizado é bem mais consciente entre aqueles cujas trajetórias apresentam orientação homossexual, pois a homossexualidade, por ser passível de estigma e discriminação, exige por parte dos sujeitos uma vigilância que nos faz mais reflexivos do que indivíduos que exercem a sexualidade dita normal.” (Conchão, 2008; pág.107).

Em sua pesquisa, Paula Pinhal de Carlos (2011) entrevistou jovens de ambos os sexos, que possuem entre 13 e 18 anos, alunos de escolas públicas. Quando ela trouxe para o debate com tais alunos questões a cerca de jovens que ficam com pessoas do mesmo sexo, por meio de uma reportagem, houve em suas opiniões reações completamente diferentes em relação aos meninos que ficam com meninos e meninas que ficam com meninas. Enquanto que a grande maioria dos garotos afirmou sentir uma espécie de estranheza, na relação entre dois homens alguns ainda utilizaram a palavra nojo para descrever sua reação, eles também afirmavam que esta prática não poderia se dar por experimentação, ao contrario de quando uma menina fica com outra, “*eu acho que guri assim gay acho que é mais comum do que guria. Tipo, guria fica ali normal, sabe, mas guri mesmo acho que quer aquilo pra vida*” (Carlos, 2011; pág. 132). É interessante observar que as meninas não têm sua orientação sexual taxada ao terem uma experiência homossexual, ao contrario dos meninos.

Em contra partida, mesmo que a experimentação homossexual seja mais permitida entre as meninas, estas são taxadas como se o que fizessem fosse somente por “modinha” ou pra excitar algum garoto. Sob a ótica dos

alunos homens, a perspectiva de duas meninas ficando era tida como uma forma de excitação. Um dos garotos forneceu uma explicação mais detalhada do por que uma dessas relações causa excitação e a outra causa uma espécie de nojo: “*vê duas mulheres se pegando precisa de um complemento ali dentro, elas não têm brinquedo suficiente... Agora dois caras se pegando tem brinquedo de sobrar, entendeu, sobra brinquedo ali no meio. Ai vai fazer o que? A mulher vai entrar pra quê?*” (Carlos, 2011; pág.136). Uma das alunas associa a maior aceitação de uma relação entre duas mulheres com essa excitação masculina e afirma ainda que muitas o fazem somente para provocar essa reação, sendo que outras classificam o hábito como uma moda.

As opiniões dos alunos de Paula Pinhal de Carlos se aproximam das obtidas por Silmara A. Conchão (2008). Neste trabalho os jovens disseram no início não possuir preconceito, porém no desenvolver do grupo focal estabeleceu-se uma contradição transparente. Os jovens homens entrevistados concordam que a experiência homossexual feminina é excitante para os homens, logo depois de criticarem a “parada gay” como uma afronta. Outro menino fez uma referência a como seria interessante uma “parada gay feminina”. Assim como no primeiro grupo, as moças se mostraram mais abertas às experiências homossexuais e a homossexualidade.

Quando o tema foi abordado em grupo composto somente por homens houve entre eles uma necessidade de autoafirmação de sua masculinidade, como se a presença ou a menção dos homossexuais pude-se afetar a masculinidade dos presentes. Ao contrário do grupo misto ou do feminino nos quais o diálogo era mais aberto e o enfoque recaía sobre suas experiências, sexualidade e curiosidades e não tanto na homossexualidade. Dentro os jovens do grupo misto, um declarou que já havia tido experiências homossexuais e que se considerava bissexual, mas que tinha medo de admitir perante os outros na escola com medo de que seus colegas pudessem discriminá-lo ou que ele fosse alvo de algum tipo de violência.

Dentre os pesquisados da pesquisa Gravad (Heilbron e Cabral, 2006), 26 homens e 5 mulheres declararam que seu primeiro namoro foi com outra pessoa do mesmo sexo, já o namoro com carícias íntimas e/ou sexo foi declarado por 5% das mulheres e 14% dos homens; já durante o período de iniciação sexual os dados passam por uma pequena inversão na qual 25% das mulheres e 18% dos homens declaram passar por esta experiência. Dentre as razões que motivam a iniciação sexual quando comparado o grupo homo-bissexual ao heterossexual, considerando as mulheres, motivações como amor e cresce a categoria tesão, o que aproxima as mulheres com trajetórias homo-bissexuais dos homens heterossexuais.

O que diverge da norma, estas mulheres se permitem a enunciação de seu desejo sexual como uma motivação de importância central para a entrada na vida sexual com o(a) parceiro(a). Outra ruptura com as expectativas de gênero é o número de parceiros que é bem maior entre as mulheres homo-bissexual. As mulheres com estas trajetórias são ainda as que expressam uma maior tolerância para com a homossexualidade e os homens heterossexuais a menor. Mesmo que os jovens entrevistados nas duas pesquisas possuam uma postura contra a homossexualidade o debate se faz presente no dia a dia destes atores sociais, alguns até vivem experiências que não estão dispostos a compartilhar, mas isso evidencia o enriquecimento deste, já que a liberdade sexual passa a figurar a vida destes jovens.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa teve como objetivo realizar um estudo bibliográfico a cerca das recentes alterações no comportamento ligado a sexualidade das jovens brasileiras compreendendo os marcadores de gênero aqui presentes. Com a conquista de direitos e espaços tipicamente masculinos, as mulheres conseguiram também maior liberdade sexual. Porém a manutenção desta liberdade ainda está associada a uma “virgindade moral”, como mencionei a cima.

A primeira relação sexual tem acontecido cada vez mais cedo entre as jovens brasileiras e este fato é visto com preocupação pela mídia. Porém, Borges e Schor (2002) apontam que pesquisas realizadas em outros países, constataram que depois de um período em que a idade com a qual as meninas se iniciavam sexualmente começou a cair, esses índices se estabilizaram, aproximando-se das idades nas quais os meninos se iniciam. De maneira que este evento, ao contrário de como é apresentado pela mídia, evidencia as recentes transformações no comportamento sexual da população brasileira. Ainda que a idade com a qual as garotas se iniciam esteja se aproximando da idade com a qual os meninos se iniciam, as circunstâncias a cerca desta relação ainda são muito diferentes.

Atualmente elas possuem mais acesso a informação, contraceptivos e uma maior aceitação da família se comparada com gerações anteriores, porém, mesmo que estas conquistas se façam presentes no dia-a-dia das mulheres, sua liberdade sexual é extremamente regulada. É esperada das meninas a manutenção de um ideário

de amor romântico que consiste na espera do “cara certo”, elas podem ter relações sexuais como mais de um parceiro, porém ainda persiste a ideia de encontrar alguém perfeito.

Ainda que fortemente marcadas por questões de gênero as novas práticas de relacionamento afetivos e/ou sexuais entre os jovens funcionam com uma forma das meninas burlarem estas limitações, em especial no caso do “ficar”, que, quando está relação não envolve sexo, permite a garota experimentar e ficar com vários garotos sem preocupação direta com sua reputação. Mesmo que fique a cargo das meninas uma preocupação com a reputação e uma tentativa de esperar pelo namorado, agora elas têm a possibilidade de conhecer uma maior possibilidade de parceiros e experimentar sua própria sexualidade. E quando está começa a “namorar”, a família muitas das vezes permite a elas passar a dormir com o parceiro.

Os marcadores de gênero estão presentes também no momento de decisão sobre o uso ou não preservativo. Como elas temem pela reputação e sentimentos de insegurança, vergonha ou medo, isso impede que os jovens mantenham um dialogo aberto sobre o assunto e a escolha do uso ou não da camisinha acaba recaindo sobre os meninos. Outro dado interessante a se observar faz referencia ao fato de que quando analisados os jovens que possuem trajetórias homo-bissexuais, estes marcadores de gênero são mais fracos. Por exemplo, entre estas jovens, o tesão aparece como forte motivação para a estrada na vida sexual e umas das motivações menos mencionadas entre aquelas com trajetórias heterossexuais.

Doravante, a posição a qual figura as mulheres atualmente pode ser definida por uma palavra: ambiguidade, pois, apesar das recentes mudanças na nossa sociedade que permitem as mulheres mais liberdade, ainda vigora uma espécie de moralismo, que mesmo permitindo as mulheres viver experiências sexuais, estas estão condicionadas a uma relação estável. As mulheres que não se encaixam nesse padrão sentem algum tipo de desconforto ou rompem completamente com a norma. Por isso minha proposta aqui é enfatizar que, mesmo fazendo mais sexo e ainda mais jovens, muitas meninas enfrentam o dilema de ter que viver “moralmente” virgens.

## 5. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. “Zoar” e “Ficar”: Novos Termos da Sociabilidade Jovem. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs.); 2006. Ed. Zahar; Rio de Janeiro. pp. 139 – 157.

BONZON, Michael; HEILBORN, Maria Luiza. Iniciação à Sexualidade: modos de Socialização, Interações de Gênero e Trajetórias Individuais. In: O Aprendizado da Sexualidade: Reprodução e Trajetórias Sociais de Jovens Brasileiros; 2006. Ed. Fiocruz, Rio de Janeiro. pp. 155 - 205

BORGES, Ana Luiza Vilela; SCHOR, Néia. Início da Vida Sexual na Adolescência e Relações de Gênero: Um Estudo Transversal em São Paulo, Brasil, 2002. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 21(2):499-507, mar-abr, 2005

CARLOS, Paula Pinhal. “Sou pra Casar” ou “Pego mais não me apego?": Práticas afetivas e Representações de Jovens sobre Amor, Sexualidade e Conjugalidade. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências Humanas da Universidade de Santa Catarina.

CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão; PASINATO, Maria Tereza; KANSO, Solange. Caminhos para a vida adulta: As Múltiplas Trajetórias dos Jovens Brasileiros. Última década Nº 21, Cidpa Valparaíso, dezembro de 2004, pp.11- 50.

CONCHÃO, Silmara A. Masculino e Feminino: a Primeira Vez A Análise de Gênero sobre Sexualidade na Adolescência. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em sociologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

HEILBORN, Maria Luiza. Experiência da Sexualidade, Reprodução e Trajetórias Biográficas Juvenis. In: O Aprendizado da Sexualidade: Reprodução e Trajetórias Sociais de Jovens Brasileiros; 2006. Ed. Fiocruz, Rio de Janeiro. pp. 29 – 58.

MEIRELLES, Tatiana. "Pegar, Ficar, namorar..." Jovens Mulheres e suas Práticas Afetivo-Sexuais na contemporaneidade. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, Jéssica Hiroko. Família, Gênero e Juventude: A Vivência dos alunos no âmbito destas Relações. Ciências Sociais UEL..

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs.); 2006. Ed. Zahar; Rio de Janeiro. pp. 7 – 24.

REITH, Flávia. A Iniciação na Juventude de Mulheres e Homens. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 77-91, junho de 2002